



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**PSICOLOGIA**

**ANTÔNIO BATISTA SILVA**

**FAMÍLIA HOMOPARENTAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PSICANÁLISE**

**CAMPINA GRANDE**

**2015**

**ANTÔNIO BATISTA SILVA**

**FAMÍLIA HOMOPARENTAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso ou  
Dissertação ou Tese apresentada ao Programa  
de Graduação em Psicologia da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Psicólogo.  
Área de concentração: Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Jailma Belarmino Souto.

**CAMPINA GRANDE**

**2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586f Silva, Antônio Batista.

Família homoparental [manuscrito] : desafios e perspectivas da psicanálise / Antonio Batista Silva. - 2015.

36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia".

1. Família homoparental. 2. Psicanálise. 3. Diferenciação sexual. I. Título.

21. ed. CDD 155.33

ANTÔNIO BATISTA SILVA

FAMÍLIA HOMOPARENTAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo.

Área de concentração: Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Jailma Belarmino Souto.

Aprovada em: 03/12/2015.

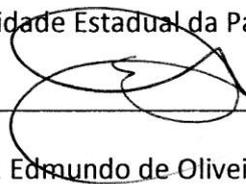
BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto (Orientador)

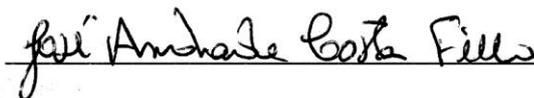
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. José Andrade Costa Filho

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## FAMÍLIA HOMOPARENTAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PSICANÁLISE

Nome do Aluno<sup>1</sup>

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é discutir quais os principais desafios e perspectivas da teoria psicanalítica em Freud e Lacan, no que diz respeito às novas configurações familiares, em especial a família homoparental. Elencamos breves considerações da família medieval até chegarmos à contemporaneidade com os novos arranjos familiares. O método utilizado no trabalho é de um estudo bibliográfico tendo como aporte teórico a psicanálise em Freud e Lacan, e também textos sociológicos que abordam o tema da história da família, quais sejam: Ariés, Birman, Roudinesco entre outros. No que tange as discussões sobre a família homoparental, bem como seu reconhecimento e legalização, os principais questionamentos recaem sobre a impossibilidade de diferenciação do par, sobretudo do ponto de vista biológico da diferença dos sexos. Ao longo do estudo evidencia-se que uma minoria de psicanalistas se valem desse argumento para se posicionarem contrários a parentalidade homossexual. No que concerne a essa discussão sobre diferença dos sexos, no decorrer do trabalho, podemos inferir que para teoria psicanalítica a questão da diferenciação sexual não é fator de impedimento, tendo em vista que para a psicanálise as funções parentais não dizem respeito à diferença dos sexos, para ser pai/homem e mãe/ mulher, o que está em jogo é o lugar, a função que o sujeito ocupa frente à posição parental. Verificou-se que a maioria dos psicanalistas não se colocam contra a família homoparental, mais buscam compreender como o sujeito vai responder para essa nova demanda e forma de subjetivação na contemporaneidade.

**Palavras- chave:** família homoparental, psicanálise; diferenciação sexual;

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: Antonio.batista191@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO.

Enfrentando desafios e atraindo seguidores e inimigos já em sua criação, a psicanálise, desde a época de sua fundação causou muita rejeição e resistência, principalmente por parte da comunidade médica. As ideias propostas por Freud, não foram aceitas facilmente, eram designadas de absurdas e sem fundamento possível de comprovação.

Partindo da confirmação de que o inconsciente é determinante nas escolhas do sujeito, uma das ideias de Freud era de que, a gênese das enfermidades das pacientes histéricas, se dava por fenômenos psíquicos e que a origem não era de cunho orgânico. Fato observado, a partir dos relatos das pacientes, por não haver uma correlação entre a queixa mencionada e o órgão afetado. A medicina da época não encontrava em seu saber *curandis* um remédio que acalmasse o mal estar que afetava o corpo histérico.

Neste caso, o grande desafio da psicanálise na época de sua fundação, era buscar entender porque se davam e como surgiam as afecções nervosas das pacientes histéricas, tendo em vista que não se encontra referido a nenhum fenômeno comprovadamente fisiológico. Desde sua criação a psicanálise se vê convocada a responder diante de saberes já constituídos sobre o devir humano. Em toda sua história e evolução posicionou-se como participante das demandas do sofrimento da psique humana. Na contemporaneidade continua a implicar-se com as demandas peculiares a sua época.

O presente trabalho aborda as questões decorrentes das novas configurações familiares e em particular a família homoparental, valendo-se do saber psicanalítico em Freud e Lacan como principal referência de sustentação e aporte teórico.

Este estudo tem por objetivo abordar e discutir quais são os principais desafios e perspectivas da teoria psicanalítica em Freud e Lacan no que diz respeito a esse novo arranjo familiar.

Sabemos que na contemporaneidade as novas formas de organização da família estão presentes lado a lado com a família nuclear. Muitos estudiosos debruçam-se sobre o tema e teorizam sobre as características dos novos modos de conjunções familiares problematizando em como tais mudanças afetam o comportamento e a subjetividade dos sujeitos.

Nosso objetivo é discutir sobre quais são os principais desafios e perspectivas da teoria psicanalítica no que diz respeito a esse novo arranjo familiar. Tendo em vista que a construção de toda a teoria psicanalítica se fundamentou no contexto das relações familiares

e culturais, sendo assim a psicanálise é convocada a se posicionar sobre esse tipo de família na conjuntura atual.

O método utilizado foi de revisão bibliográfica, buscando encontrar na literatura textos que falam sobre a história da família, para expor como esta sofreu transformações e foi se moldando ao longo do tempo. Para essa fundamentação fez-se necessário revistar alguns textos da obra de Freud e Lacan, bem como pesquisar sobre qual a releitura que os psicanalistas têm na atualidade sobre a família homoparental. Essa releitura é importante tendo em vista que no contexto que Freud desenvolveu sua teoria a ordem familiar que se tinha, era o modelo patriarcal da família nuclear burguesa, e era precisamente nesse modelo familiar que a histeria presentificou-se como enfermidade em grandes proporções.

Privilegiou-se aqui o recorte sobre a história da família a partir da idade média, no qual há registros de como a família se organizava. Os estudos eram baseados na etnografia e através desta extraiu-se as relações do viver cotidiano medieval; os calendários dos meses do ano era uma forma peculiar da arte sobre o convívio familiar.

Este estudo considera o processo de mudanças que foram ocorrendo, contempla ainda à família moderna, destacando como característica marcante o poder absoluto do marido sobre a mulher, onde este como único provedor é também o chefe da família.

A família contemporânea vai ter como marca a ascensão da mulher, que ao reivindicar seus direitos começa a ter maior autonomia tanto no seio familiar como na sociedade como um todo. Essas conquistas das mulheres serão de suma importância para o surgimento das novas configurações familiares.

Abordaremos ainda, os tipos de família, mais comuns na atualidade, destacando em especial o arranjo familiar que se constitui tema desse estudo que é a família homoparental.

A partir de então será discutido quais os principais desafios e perspectivas da teoria psicanalítica, no que diz respeito à estrutura da família homoparental e principalmente a filiação homoparental.

Mesmo no meio dos teóricos da psicanálise, encontramos resistências à adoção por casais homoafetivos, fato a se questionar, haja vista que para psicanálise, as relações parentais não se constituem imagetivamente no sexo biológico, mas nas funções desempenhadas por pai e mãe, independente do sexo ou de quem ocupe a função. Já a grande maioria dos psicanalistas aqui pesquisados, seguindo as premissas freudianas de que a sexualidade humana é complexa e não é determinada no corpo biológico e sim pulsional, trata essa questão vinculando-a ao desejo do par parental em adotar um filho e não simplesmente na configuração familiar homoparental.

## **2. REFERENCIAL TEORICO.**

### **2.1 A família na Idade Média**

Quando se fala na instituição família, a primeira ideia que nos vem em mente é a família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, pessoas que convivem no mesmo lar com crenças e valores que são transmitidos a cada geração. Nesse caso ao se discorrer sobre essa instituição, parece de antemão que o conceito de família é inato e inerente as formas de ordem social ao longo da história. É como se o grupo chamado de família sempre tivesse o mesmo significado e valorização, e que o conceito de família parecesse universal e único, o que de acordo com algumas ideologias acaba sendo.

Ao recorrermos ao dicionário Aurélio, o conceito de família neste não é muito diferente do senso comum, e até mesmo do meio acadêmico, nesse a definição aparece como: “pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Pessoas do mesmo sangue origem e ascendência” (Aurelio, 2011, p.312).

Vieira (2011, p.87) citando Murdock diz que a família “é um grupo social caracterizado pela residência comum, com cooperação econômica e reprodução”. “Para Luyr Mair, ela consiste em um grupo doméstico no qual os pais e filhos vivem juntos”.

É a partir da sociedade medieval, de acordo com Ariés (1975, p.5). Que vamos encontrar registros e concepção do grupo família. Nesse período a compreensão e forma de arranjo da família eram diferentes da sociedade moderna e contemporânea que foram sofrendo transformações ao longo dos tempos. Ariès (1975, p.5) afirma que o sentimento entre os cônjuges, entre os pais e os filhos era dispensável para o equilíbrio da família. Não havia oposição ao mesmo, mas as trocas afetivas e comunicações eram realizadas na comunidade fora de casa, principalmente por amigos, vizinhos, amos e criados, crianças e velhos.

Na idade média a educação das crianças se dava por aprendizagem, no dia-a-dia e não na escola. Ariès (1975, p.6) Afirma que quando a escola assumiu o papel de educar as crianças, isso contribuiu para uma maior aproximação dos membros da família, provocando um estreitamento das relações, tendo em vista que as crianças iriam se ausentar das suas casas, e passariam a ser enclausuradas na escola, sendo para isso necessário uma cumplicidade dos pais.

As primeiras imagens da família foram retratadas pelas figuras da iconografia do calendário dos meses do ano, sendo este um recurso para retratar o cotidiano da família medieval através de imagens. Como afirma Áries (1975, p.186) na iconografia dos 12 meses fixada no século XII, não houve grandes mudanças, era mostrado o dia-a-dia de trabalho dos camponeses e a vida dos nobres, apontando-se a divisão de papéis de cada um. Nessas referidas situações o homem camponês aparecia sempre sozinho, sendo estas primeiras cenas retratadas no mês de fevereiro, ao longo dos meses do ano outras cenas vão sendo mostradas retratando o dia-a-dia da família medieval.

Começa nesse cenário a ser revelada a imagem da mulher ao lado do homem camponês, “O homem não está mais sozinho, o casal não é mais o casal imaginário do amor cortês<sup>2</sup>. A mulher e a família participam do trabalho e vivem perto na sala ou no campo” (Ariès, 1975, p.187). Nesta descrição percebemos que ainda não existia uma definição da família e nem imagens que retratassem o cotidiano no lar, os poucos registros que tinham, limitavam-se mais em mostrar o dia-a-dia do trabalho ou na rua e nos ambientes públicos.

A partir dos registros das imagens da inserção da mulher no calendário das imagens iconográficas, podemos perceber como se desenha a estrutura da família medieval, ou o que seria considerado como um sentimento de família. Não se tinha ainda presente nas imagens, a figura de um sujeito muito especial, a criança. As fotografias com imagens infantis começam surgir a partir do século XVI, pois é sabido, que o sentimento de infância não era valorizado e sequer reconhecido na idade média. A criança era considerada um adulto em miniatura misturada com os adultos, isto fazia com que não houvesse um arranjo familiar pautado nos valores afetivos, o que caracterizava a família eram os laços de linhagem.

Com o surgimento da imagem das crianças nas iconografias dos calendários, foi possível ter uma noção de como era a vida privada da família, e a partir de então vários acontecimentos do dia-a-dia foram sendo mostrados, como as refeições e os rituais em torno da mesa, momentos em que a família parava para cantar antes de comer, em momentos também que a família estava ao redor do patriarca que havia morrido, entre outras cenas.

Ariès (1975, p.44), informa que o sentimento encantador da tenra infância ficou limitado as imagens do menino Jesus até o século XIV, que foi através da arte que contribuiu para desenvolvê-lo e expandi-lo. As imagens da infância também procuraram mostrar a infância da virgem Maria, que até então estava sendo retratado apenas a infância de Jesus.

---

<sup>2</sup> “Criação original dos trovadores que foi bem traduzida pelas cantigas trovadorescas de amor e pelos romances cortesões do período medieval, não raro podia levar ao desespero, a paixão desmedida, ao desejo da morte, diante da impossibilidade da relação da união com a mulher amada” (Barros, 2008, p.1/2).

Paulatinamente as imagens infantis foram sendo retratadas, como as pinturas anedóticas, que era um recurso que buscou mostrar as imagens das crianças em situações do dia-a-dia, na escola, na rua, com a mãe no colo, entre outras formas.

As condições demográficas da era medieval contribuíam para que ocorresse a desvalorização da criança, devido ao fato de nascerem muitas, e de não haver controle de natalidade. Em função dessa realidade ao se dá a luz a uma criança sabia-se que a possibilidade de perda era muito grande, o que acabava ocasionava um conformismo e insensibilidade para com a criança.

Foi só a partir do século XVIII, que com o surgimento do mathusuanismo<sup>3</sup> e extensão das praticas contraceptivas, que o sentimento de desperdício diminui. Fato este que ocasionou uma diminuição da mortalidade infantil, sendo esse um dos marcos na história dos sentimentos de infância. Ariès (1975, p.45) afirma que foi no século XVII, às imagens retratadas das crianças nuas e sozinhas tornaram-se mais habituais. Os retratados mais antigos tenderam a se organizar em torno da criança, e essa se tornou o centro da composição familiar.

Ao longo da era medieval, vimos que a valorização da criança envolveu todo um processo histórico, no qual por um longo período não era reconhecida nem valorizada. Contudo foi a partir do século XVIII que eclodiu o reconhecimento da infância. A criança começou a ser objeto de cuidados sentimentais afetivos tornando-se o núcleo central da família. Podemos considerar que o lugar da criança, foi e ainda é o espaço destinado que vem corroborar à estruturação da família. É como se, para se caracterizar como uma família completa houvesse imaginariamente a presença da criança para realizar essa completude marco esse que está presente até hoje na sociedade contemporânea.

Segundo Ariès (1975, p.201) os historiadores teriam a concepção de que os laços familiares não se constituíam apenas em um único grupo, que apesar deste existir e ser denominado de concêntrico, formado por pais e filhos. Havia também os parentes descendentes da mesma linhagem, seria como a família extensa na contemporaneidade, ou seja, indivíduos que pertenciam ao mesmo ancestral comum. Nessa forma de organização familiar todas as pessoas viviam em um mesmo território, por que não queriam dividir com os demais membros da família o patrimônio.

---

<sup>3</sup> Uma teoria demográfica criada pelo economista inglês Tomaz Roberto Matus, no final do século XVIII. Acesso em < [http:// WWW.suapesquisa.com./0\\_que\\_e/mathuanismo.html](http://WWW.suapesquisa.com./0_que_e/mathuanismo.html) em 17/06/2025 às 10:05 min.

“Pode- se dizer que o sentimento de linhagem era o único sentimento de caráter familiar conhecido na idade média” (Ariès, 1975, p.204). Sendo assim, não se organizava em torno dos pais e filhos mais sim em torno de toda a linhagem da família. Desse modo a família era organizada não por afetividade mais sim pela garantia dos bens.

### **2.3 Família moderna.**

No que diz respeito ao período, em que inicia a família moderna não há um consenso entre os autores na literatura. Segundo Birman (2007, p.3) a família moderna vai surgir realmente na passagem do século XVIII para o século XIX, denominada de família nuclear burguesa, pautada num modelo patriarcal. A característica principal era a transmissão de bens econômicos para a prole, como forma de garantia do patrimônio da família.

Vieira (2011, p.87) Afirma que a família moderna (contemporânea) destina-se a socialização amorosa das crianças, priorizando a intimidade e privacidade do casal e de seus filhos em detrimento dos vínculos de amizade e de vizinhança, cabe aos pais solícitos e eficazes transmitir os valores e hábitos socialmente dominantes

Neste caso percebemos que houve certa mudança na concepção do conceito de família e também no modo de organização da mesma, onde na Idade Média valorizava-se a linhagem e a conservação dos bens, na família moderna, surge um maior interesse para se transmitir os valores e hábitos a serem cumpridos, sendo estes repassados de pai para filho.

Observar-se que há também, uma preservação da intimidade da família, esta se conduz de modo que haja menos exposição no meio doméstico. Os filhos são transferidos para dormitórios particulares deixando de participar do leito dos pais, passaram a ter um quarto próprio; por esta ocasião a casa passa a ter mais divisões com delimitação dos espaços. Fato que traz como consequência a preservação íntima das relações sexuais do casal. “O poder paterno foi então relativizado, mantendo-se ainda no espaço privado; mas tendo no espaço público os seus signos mais ostensivos” Birman (2007, p.4).

Na família moderna a educação do lar cabia única e exclusivamente a mãe, estando esta incumbida dos ensinamentos aos filhos. Apesar da mulher conseguir um pouco de autonomia e mais liberdade para tomar decisões, caso houvesse a necessidade de um jogo de forças sempre caberia ao pai ter a preferência na decisão final.

### **2.4A Família contemporânea**

Vimos que na era medieval a figura da mulher mal aparecia nas imagens iconográficas, que na família pré-moderna o poder do homem sobre a mulher era total. Na sociedade moderna do século XVIII até o século XIX, a mulher apesar de ter mais poder

sobre a educação e sobre o lar, em determinadas situações ou quase todas; era o marido quem dava a palavra final, que era um consenso social o pátrio poder advindo da figura masculina o pai.

Enquanto na família da idade média a mulher quase não aparecia, na família moderna quem tinha o poder absoluto era o homem, sendo este o provedor do lar. Na família contemporânea, pelo contrário a mulher tem bem mais espaço, obtém conquistas, fato este de extrema importância que contribuiu para a formação das novas configurações familiares.

De acordo com Beauvoir (1967, p.448) foi pela força do trabalho que a mulher cobriu grande parte da distância que a separava do homem, o trabalho pode lhe assegurar uma liberdade concreta. Isso torna a mulher mais independente em relação ao homem. A autora quando escreveu seu livro “*O segundo sexo*” na década de 60, procurou mostrar que as diferenças dos níveis hierárquicos entre mulheres e homens eram construtos sociais e não biológicos.

Beauvoir (1967, p 452 ) afirma o privilegio que o homem detém e que se faz sentir desde sua infância, está em que sua vocação de ser humano não contraria seu destino de homem . Sendo assim, os seus êxitos pessoais e sociais vão caracterizá-lo como viril. Em contrapartida a mulher se divide, ela para assumir sua feminilidade precisa se colocar como presa, como objeto, fazendo com que tenha que abrir mão de seus desejos como sujeito. Para a autora é esse conflito que vai marcar a libertação da mulher.

Neste caso vai ser a atitude da mulher, que vai marcar sua saída dessa posição de objeto e passividade para se tornar mais ativa, e com maior capacidade de imposição. Acontecimentos e reivindicações das mulheres, desencadearam uma maior igualdade em relação aos homens, fato este que marca e provoca mudanças na configuração da família contemporânea.

A família contemporânea é marcada pela queda da autoridade patriarcal, ou seja, os indivíduos tornam-se mais autônomos, com relações mais horizontalizadas. A quebra do poder verticalizado e a descentralização do poder constituem-se como problemática na atualidade. O que marca as principais discussões no que diz respeito aos novos arranjos familiares.

Há sem dúvida, uma forte resistência dos grupos mais tradicionais da sociedade, que se posicionam contra alguns tipos de arranjos familiares na atualidade, principalmente se fundamentando via credos religiosos, que tentam preservar a todo custo o modelo de família nuclear.

## **2.5 Novas configurações familiares**

Uma temática que na conjuntura atual, tanto no meio acadêmico quanto no senso comum está sendo muito debatida, são as novas configurações familiares. Muitos chegam a mencionar que a família nuclear não existe mais, pois os novos arranjos familiares estão cada vez mais presentes na contemporaneidade.

Todavia sabemos que família nuclear ainda existe e resiste, e as inúmeras transformações que vem ocorrendo, não irão ocasionar a sua extinção, muito menos o reconhecimento dos outros tipos de família é uma ameaça a família original, que é a nuclear. Sendo esta forma de família, pautada pela ideologia judaico-cristã, que parte do princípio de que Deus fez o homem para a mulher, que o objetivo é a procriação e o cuidado de sua prole.

Vieira (2011, p.87) considera que a família era inicialmente um fenômeno biológico com objetivos de reprodução, que posteriormente tornou-se uma instituição social, e que sofreu muitas transformações conforme as leis instituídas em cada época, bem como as normas sociais e os padrões morais. O que podemos inferir nesta concepção do autor é que em cada momento histórico a família respondia pela conjuntura do período.

## **2.6 A família nuclear**

Família nuclear, que tipo de família é essa? A familiar nuclear burguesa considerada e denominada por muitos como o modelo de família ideal, tendo em vista que é constituída por pai – mãe e filhos. É nuclear justamente por sua forma de organização, onde o núcleo da família centra-se o pai a mãe e o fruto do relacionamento ou produção do par. A característica principal desta família é a autoridade do pai sobre o lar, sobre a esposa e sobre os filhos, sendo este uma autoridade a ser respeitada e também o provedor da casa, que sustenta a família. Na família nuclear burguesa a mulher tem menor autoridade é submissa e o resultado das decisões recorre sobre a palavra do pai .

Para muitos autores como Roudinesco (2003, p.18) a organização da família nuclear burguesa deu início e teve sua evolução por volta do século XVI até o século VXIII. A autora citando Lévi-Strauss comenta que este afirma que essa forma de arranjo familiar, se destacou dos modelos de famílias que tinha na idade média, no qual não havia uma delimitação específica, um núcleo, a família era constituída por muitas pessoas, por parentes próximos, vizinhos e amigos.

## **2.7 A família multiparental ou Recompоста**

Dentre as muitas formas de e tipos de famílias na atualidade, temos a família multiparental ou recompоста, que apesar do nome soar um pouco desconhecido, esse arranjo

familiar acaba sendo bastante comum na sociedade contemporânea, principalmente a partir de direitos conquistados pela mulher, culminando uma ascensão social no qual podem ter um projeto de vida para além das relações afetivas e da função materna. As mulheres adentram o mercado de trabalho, dividindo despesas com o cônjuge, e muitas vezes sendo a única provedora financeira do lar, com ou sem companheiro.

A partir disso poderíamos questionar então, mais o que a organização familiar dita multiparental tem ligação com estes acontecimentos? A família multiparental se constitui da seguinte forma: casais que quando se divorciaram já tinham filhos. É o que Shaurem e Bertani (2013, p.68) afirmam que as mudanças ocorridas no contexto social desencadearam uma nova relação parental, em que pessoas advindas de relações antigas, se unem novamente trazendo os seus filhos para a nova família.

Esse tipo de situação era improvável de acontecer em outrora, tendo em vista que o casamento por ser considerado uma instituição sagrada, estava fadado a durar para sempre sem possibilidades de questionamentos. Celebrado pela Igreja, tinha como premissa que o homem e a mulher seriam felizes ininterruptamente até que a morte os separassem, não era permitido a dissolução e nem o divórcio, sendo assim seria inconcebível qualquer outro tipo de família.

Além da família multiparental formada por casais que são pais de filhos advindos de outros casamentos, há também a família, monoparental formada por apenas um dos genitores com o filho/filha, neste tipo de família geralmente quem cria o filho é a mãe.

A família anaparental, compõe-se de pessoas que dividem o mesmo lar e apesar disso não possuem laços e sangue. A família paralela que se caracteriza pelo fato de um dos cônjuges terem relações, possuem mais de uma família ao mesmo tempo, a família eudomonista que se forma por solidariedade e afeto.

Na atualidade a união estável se faz presente e segundo Shaurem e Bertani (2013, p.67) é a mais parecida com o casamento, às pessoas geralmente se juntam por vínculos afetivos com finalidade de constituição familiar. A união estável não é exatamente um tipo de família, mas pode se configurar como tal a partir do reconhecimento da mesma.

De acordo com artigo 226 da constituição, o artigo 1º diz que “É reconhecida como entidade familiar a convivência duradoura, pública e contínua, de um homem e uma mulher, estabelecida com objetivo de constituição de família”.

## 2.8 A família homoparental

Dentre as novas configurações familiares, sem dúvida, a família dita homoparental é a que provoca os maiores debates, e discussões no que diz respeito ao seu reconhecimento e aprovação jurídica e social, sendo esta caracterizada por ter dois cônjuges do mesmo sexo, ou seja, dois homens e/ou duas mulheres. Mesmo com a aprovação em alguns países do casamento de pessoas do mesmo sexo, as polêmicas ainda giram em torno da adoção de filhos pelo par homoafetivo. De acordo com Roudinesco (2003, p.183) apud La Martinière, (2001), “O termo homoparentalidade foi criado na França em 1996 pela associação dos pais de futuros pais de gays e lésbicas (APGC).

Segundo Maya (2013, p.66), a história da homossexualidade mostra que ela sempre foi colocada fora do referente da normalidade, eleito em cada época: Na Idade Média, fora da natureza (pecado); na medicina do século XIX fora do instinto (desvio/perversão). Ainda sobre isso Paoliello (2013, p.31) informa que “Os estudos científicos sobre a homossexualidade iniciaram-se no século XIX, que nove séculos antes, essa forma de sexualidade era considerada uma abominação e denunciada pelas autoridades religiosas, atraindo a pena de morte”.

Podemos perceber, porque durou por tanto tempo para eclodir a necessidade de reconhecimento e a reivindicação da família homoparental. Os homossexuais antes, um grupo que vivia a margem da sociedade sem nenhum tipo de reconhecimento, agora situam-se como um grupo que luta e reivindica o direito da parentalidade, e de ser conhecido como família no contexto atual contemporâneo.

O fato é que, a partir do momento em que a homossexualidade sai da marginalização, deixa de ser considerada uma doença, ficando fora dos manuais de psiquiátrica, sendo condenada moralmente em algumas situações. Os casais gays começam a demonstrar o desejo de formar uma família, e ter os seus direitos assegurados pelo Estado. Teoricamente não haveria mais nenhum impedimento há não ser os transmitos legais para adoção de filhos.

Apesar de na literatura acadêmica, haver uma série de pesquisas e estudos que comprovem que crianças adotadas e criadas por duas mulheres ou dois homens, não têm ou sofreram qualquer dano no seu desenvolvimento físico e psíquico. A ainda assim esse processo enfrenta resistências e não tem aprovação de muitos segmentos da sociedade, tanto no próprio âmbito jurídico, como político, religioso entre outros

Seguramente não é exagerado dizer que setores da sociedade brasileira, geralmente influenciados por ideologias familiaristas e naturalistas de origem religiosa, tem se revelado bastante resistente aos discurso e as vivências, de lésbicas e gays que procuram afirma o direito a liberdade de orientação sexual e a legitimidade dos agrupamentos familiares, que fogem ao padrão nuclear moderno formado por um “homem instrumental” unido a uma “mulher expressiva”, juntos socializando crianças felizes, nos termos do modelo parsoniano<sup>4</sup> (Melo, 2005,p.5).

De acordo com esta concepção, podemos inferir que o principal impasse para o reconhecimento do casal homoparental como família, com a capacidade de filiação e com potencial para educar uma criança, fica sustentado principalmente por valores morais. Não há argumentos e motivos concretos para um posicionamento contrário, o que existe neste caso é uma resistência ao reconhecimento do diferente, e uma forma de negar o que é novo. Sobre isso, Ceccarelli (2006, p.90) Cita que a necessidade de certezas e de imutabilidade pode ser tão forte, que só nos damos conta de que nossas verdades, não passam de construções historicamente datadas quando elas são questionadas.

O que podemos inferir com isso, é que o ser humano tem uma enorme dificuldade e resistência para aceitar certos tipos de mudanças, principalmente quando diz respeito a uma certeza e/ou quase certeza de que, aquilo que está pré- estabelecido como ideal, é o que é certo. Neste caso fazendo-se uma analogia, com o tema que está sendo discorrido, que é justamente a instituição familiar; vemos que essa organização familiar nuclear burguesa tida até hoje como a ideal, constituída por pai, mãe e filhos considerada como modelo exemplar e como o arranjo certo, não é mais o único modelo e que certo ou errado são convenções pré- estabelecidas seguindo códigos ideológicos hegemônicos, que sofre o impacto das transformações sociais.

No que diz respeito às reivindicações angariadas pelos homossexuais sabemos que aos poucos estes foram conquistando seus direitos. Dentre as principais conquistas mais importantes, foi sem dúvida, primeiro que a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença, e saiu dos manuais de psiquiatria, e segunda a conquista dos casais gays tiverem o direito do casamento e a união estável reconhecida pela maior parte do mundo.

De acordo com Paoliello (2013, p.31) O primeiro país do mundo a discriminar a homossexualidade foi à França no ano de 1791. Esse marco histórico se deu principalmente pela revolução francesa, pelos princípios da “igualdade, liberdade e fraternidade”, com influência do Iluminismo, nesta época as relações homossexuais eram denominadas de pederastia. O Brasil foi o segundo país do mundo na história a discriminar a

---

<sup>4</sup> De acordo com Hita (2005, p.110) aponto que teoria do modelo de família Parsons, fica implícito deve-se pensar que o conceito de “família”, refere-se apenas a modelos hegemônicos, tratando as transformações dos mesmos ou modos alternativos, de se viver em família, como rupturas, crises ou desvios do modelo padrão.

homossexualidade, isto ocorrendo desde 1830. Em contrapartida países como Índia e Paquistão passaram a criminalizar e condenar à pena de morte a homossexualidade, fato este que é válido até hoje

Com relação ao Brasil mesmo este, sendo um dos pioneiros na descriminação da homossexualidade, na atualidade é líder do ranking entre países onde mais ocorrem crimes de homofobia, assassinatos contra os homossexuais.

Somente em março de 1990, a Assembléia Mundial de Saúde, órgão máximo decisório da OMS, acordou, em sua décima revisão da CID, que resultou na CID-10, publicada em 1992, que a orientação sexual (heterossexual, bissexual e homossexual) por si mesma não deve ser vista como um transtorno Psicológico (2013, p.43).

Isso mostra por que a constituição da chamada família homoparental é formalizada recentemente mais já existia na clandestinidade, provoca desconfiança gerando conflituosas discussões.

No que diz respeito a esses avanços, sabemos que outras conquistas foram sendo obtidas. O primeiro país do mundo a aceitar o casamento gay, e união civil de pessoas do mesmo sexo foi a Holanda, posteriormente outros países europeus também foram criando leis para obter reconhecimento, na América latina o primeiro país a permitir foi a Argentina.

No Brasil em 2011 foi estabelecido o reconhecimento legal da união civil por casais gays, através da Ação direta de Inconstitucionalidade 4.277 Distrito federal, e também da Arguição de Descumprimento do Preceito Fundamental 132 Rio de Janeiro.

O texto da ADPF 132/RJ (2011, p.3) deixa claro que de acordo com a constituição de 1988, ao utilizar-se da expressão “família”, não limita sua formação a casais heteroafetivos, nem a formalidade cartorária, celebração civil ou liturgia religiosa. A partir disso podemos inferir que o conceito de família, é bem mais amplo do que se possa imaginar, que o reconhecimento da união civil dos casais homossexuais, é mais do que justo e uma garantia do estado, para que estas pessoas possam lograr dos mesmos direitos, assim como as demais pessoas da sociedade brasileira.

## **2.9 Discursos e Desafios da Teoria Psicanalítica em relação à família homoparental.**

Um século após a sua fundação, a psicanálise ainda resiste, e na contemporaneidade é convocada a se colocar e até dá um parecer sobre as novas demandas, e novas formas de sofrimento e subjetivação humana. “Cem anos depois, a clínica mudou por que a sociedade mudou”. A psicanálise sempre atuou junto da conjuntura de sua época, situando-se em favor da singularidade do sujeito, dividido entre seu desejo, mas tendo que responder por esse

desejo no laço social do seu contexto. A psicanálise é o encontro com o mais integral de um sujeito, em sua experiência com o lado obscuro de si mesmo.

É quase um bordão e uma prática muito comum, nos depararmos com o discurso dos que são contrários a teoria psicanalítica, em dizer que Freud foi um gênio para a época dele, que na atualidade as coisas são diferentes e que as descobertas feitas em outrora não são mais aplicáveis.

Ora aos que defendem esse discurso, talvez não saibam que um grande gênio quando se torna ausente, ou seja, quando morre, deixa sua produção bem viva para que seus seguidores a propaguem, e ainda busquem maneiras de aperfeiçoar o que ficou inacabado. Sendo assim é possível fazer uma releitura do que foi produzido, podendo ser contextualizado e aplicado na contemporaneidade. O inconsciente, uma das mais fantásticas descobertas de Freud é atemporal e vai sempre se manifestar, o que mudam são as formas de subjetivação.

Com relação ao recorrido, o próprio Freud cita no texto do movimento psicanalítico de 1914 que o destino inevitável da psicanálise é provocar rancor e oposição. O que vemos ao longo da história é que seu criador tinha certa razão, em relação ao destino, que a sua grande criação, na virada do século XIX para o século XX teve. Até hoje a psicanálise tem inimigos e opositores, no entanto assim como surgiu de uma demanda de um contexto de sua época, ainda subsiste, procurando responder pela conjuntura histórico-cultural na qual se encontra.

Com relação a isso, sendo convocada a se posicionar pelas demandas e problemas atuais, sobre diversas questões como as doenças contemporâneas, seja sobre os modos de sofrimento atual. É também sobre as novas configurações familiares, que a psicanálise tem um novo desafio, tendo em vista que foi no contexto das relações familiares que Freud fundamentou e criou sua teoria.

No que tange ao discurso psicanalítico, sobre as novas configurações familiares, sobretudo a parentalidade homossexual e a família homoparental, há sem dúvida um forte debate sobre o posicionamento dos psicanalistas. Há discussões contrárias e a favor, no qual é utilizado argumentos da teoria freudiana e também de Lacan, isso tanto para os que são contra, como para os que são a favor do casal e principalmente da filiação homoparental.

Na teoria do complexo de Édipo de Freud, sendo esta um dos pilares que sustentam a proposição da psicanálise, para o desenvolvimento e estrutura do sujeito, o que vai acontecer, de acordo com Vieira (2011, p.54) é que “Freud assinala que no primeiro momento do complexo de Édipo, a criança vai ter um desejo amoroso pelo progenitor do sexo oposto e um desejo hostil, uma rejeição pelo progenitor do mesmo sexo”. Na verdade é o que vai marcar e

determinar a estruturação do sujeito onde a partir daí a criança vai fazer as futuras escolhas de objeto.

O que vai acontecer posteriormente, na saída do complexo de Édipo é que o menino ao invés de ter desejos hostis contra o progenitor do mesmo sexo, passa a se identificar com o mesmo e procura ser como o tal, fazendo a recusa do seu objeto de desejo que seria a mãe, isso se dá a partir do complexo de castração. Na menina o que vai caracterizar sua saída do Édipo, é que esta por já se saber castrada irá renunciar a mãe como objeto de amor e identificação. A partir da castração a menina busca no outro ideal, o que lhe falta, que seria o pai que não sofreu a castração.

Ao fazer a distinção do complexo de Édipo na menina e no menino, referendado a questão do sexo, aparentemente ficaria implícito, que seria preciso ter essa diferenciação sexual para estruturação do sujeito, e se baseando nisso que muitos psicanalistas se posicionam contra a família homoparental, principalmente por não haver sexo oposto, pelos menos na anatomia.

Contudo mesmo com esse jogo de identificações que ocorre no complexo de Édipo, onde Freud coloca a questão do mesmo sexo e sexo oposto no cerne das identificações, podemos inferir que ainda não há determinação na escolha de objeto após a saída do Édipo. Sobre isso, Quinet (2013, p.91), afirma que Freud foi extremamente mal interpretado quando utilizou a frase, “a anatomia é o destino” sendo esta paráfrase de Napoleão. Quando Freud citou esta frase estava se referindo ao real do corpo, que a anatomia não impede que os homens e mulheres tenham dúvidas e se perguntem sobre sua posição sexuada se são efetivamente homens ou mulheres.

Sendo assim, faz-se necessário falar sobre como os pós-freudianos fizeram uma releitura do complexo de Édipo de Freud, todavia é preciso antes discorrer sobre como era vista a homossexualidade na teoria de Freud. Tendo em vista que este foi um dos homens que mais se posicionou contra a patologização e qualquer forma de transformá-la em anormalidade. No texto sobre *os três ensaios sobre a sexualidade*, escrito em 1905 Freud caracterizava os homossexuais de invertidos, no sentido de uma escolha de objeto invertida. No texto dos três ensaios, há um tópico denominado de prevenção da inversão sexual onde afirma que.

“A educação dos meninos por pessoas do sexo masculino (pelos escravos, na antiguidade) parece favorecer o homossexualismo, a freqüência da inversão na aristocracia de hoje torna-se um pouco mais inteligível diante de seu emprego de criados do sexo masculino bem como pelos maiores cuidados especiais que a mãe dedica aos filhos” (Freud, 1905, p.217).

Todavia como afirma Paoliello (2013, p.36), “em 1915, dez anos mais tarde, Freud substituiu o termo invertido por homossexualidade, provavelmente para distanciar das conclusões de Westphal de que a homossexualidade seja congênita”. É também essa concepção de que poderia haver uma tendência para a homossexualidade por meninos criados por escravos do sexo masculino.

Freud se baseava muito na cultura grega, onde havia a prática da homossexualidade como iniciação da vida erótica no qual se sabia que um homem adulto tomava como discípulo um jovem, que seria responsável pela sua formação, e que apesar de não serem confirmados, muitos acreditavam que havia relação sexual entre o homem adulto e o jovem.

No que tange a esta concepção de Freud, assinala que meninos educados com cuidados especiais pelas mães também poderiam contribuir para inversão sexual, como era denominada na época. Mostra que, mesmo naquela época no início de sua descoberta não havia um apontamento e uma determinação de como acontecia à inversão sexual. O mesmo apontava algumas possibilidades da inversão acontecer, pois assim como a criança filiada por um homem (pai) e uma mãe (mulher) não garante que o sujeito ira ter uma escolha de objeto heterossexual. Uma criança educada por dois “iguais” ou apenas por uma mãe ou um pai, também não pode ser determinante para qual será sua escolha de objeto.

O fato é que, naquela época entre o final do século XIX e início do século XX ,havia muitos debates sobre a homossexualidade não sobre a família homoparental, não se tinha ainda discussões de concepção de outro tipo de família a não ser a família nuclear burguesa, formada na triangulação mãe, pai e filhos. Toda a teoria de Freud foi sustentada em torno dessa ordem familiar e contexto social. Sendo assim, como a psicanálise pode responder frente a esse novo arranjo familiar que solicita respostas por muitos segmentos da sociedade?

O que se problematiza principalmente é a questão da diferenciação sexual, tendo em vista que, teoricamente uma criança filiada por casais do mesmo sexo não teria a possibilidade de identificar essa distinção o que causaria certa confusão na estrutura da personalidade. No que tange a esta questão da distinção Quinet (2013,p.133) aponta que se Freud escreveu em algum momento que “a anatomia é o destino”, no entanto ao longo de toda a sua teoria , toda a sua obra vai rejeitar essa possibilidade no que concerne a escolha de parceiros ( a) sexuais.

Isso pode ser evidenciado nos casos clínicos clássicos de Freud, como o caso da jovem homossexual cuja posição feminina não a impedia de escolher uma dama como objeto sexual e no caso da jovem Dora escolhendo a senhora K como objeto, não a tirou de sua posição desejante em relação ao pai. O que podemos ver, é que, mesmo não apontando isso,

notamos que na obra de Freud bem como nos seus casos clínicos que o sexo biológico não vai ser determinante para escolha de objeto do sujeito.

Fica claro o quanto a sexualidade humana é complexa e que realmente não há como estabelecer nenhum padrão de normalidade, no que tange a escolha de objeto a anatomia, pelos menos no que diz respeito à visão de homem na psicanálise, fica em segundo plano não sendo determinante.

Com relação a posição dos psicanalistas sobre a família homoparental e o reconhecimento desta há muitas discussões . “Na França , em 1999, foi aprovado o *Pacte Civil de Solidarité* (PaCS). A reivindicação de ser um casal de direito e não apenas de fato provocou violentas reações homofóbicas, por parte da sociedade francesa, inclusive de alguns psicanalistas” Maya (2013,p.65). Os argumentos contrários foram à ordem simbólica da diferenciação sexual de Lévi-Strauss e de certa leitura da psicanálise de Lacan.

Um dos psicanalistas que se colocaram contra o PaCS, foi Jacques-Alain Miller, este argumentava que ao reivindicarem o direito a cidadania , os gays perdem a sua singularidade de alguns traços perversos Maya (2013,p. 67 ).Nesse sentido o autor expõe que luta pela igualdade de direito pelo reconhecimento do gays como família , apagaria sua peculiaridade da diferença.

Miller argumenta que entre os homossexuais homens especificamente, não há fidelidade sexual, onde ocorre à troca de parceiros constantemente, reconhece que até possa existir laços duradouros mais não fidelidade permanente, que esta só compete e acontece entre os casais heterossexuais. Miller só denomina de casal os heterossexuais, quanto aos gays cita que há somente um laço afetivo (Maya, 2013.p 67).

No que tange ao pensamento de Miller, vimos que o mesmo não se reporta em momento algum contrário a família homoparental, devido à questão da diferenciação sexual, sua posição no caso se dá pelo fato de que, não há fidelidade entre o casal homoparental, sendo assim só é possível o reconhecimento de direito dos casais heteroafetivos. Sobre isso Maya (2013, p.69) afirma que as teorias homofóbicas produzem discursos sobre a homossexualidade que servem de respaldo para as políticas discriminatórias.

Maya (2013, p.70) afirma que Miller procurava argumentar, focando principalmente na questão da infidelidade, em seu texto “*uma partilha sexual*”, fez uma lista de atributos antagônicos para o homem e para a mulher. Onde coloca o lado do homem como, a posição masculina, o objeto fetiche e a mulher, a posição feminina com o objeto erotomaniaco.

Dessa forma coloca que os homens homossexuais, realizam entre eles um acordo silencioso para o gozo, enquanto os mesmos sendo heterossexuais, falam porque são

impelidos pelas mulheres. Com essa posição Miller coloca os homossexuais, apenas como infieis e que constituem relação apenas para o gozo, totalmente perversos, de natureza perversa.

Após esse forte debate no ano de 1999 na França, em como os posicionamentos de Miller na época, o mesmo teve a oportunidade de tratar desta questão novamente em 2006, na XXXV jornada a ECF, com o título de “L'avers des familles : Le familial dans l'expérience psychanalytique”.

De acordo com Maya (2013, p.74) apesar de o tema ser novos arranjos familiares, Miller não tocou mais no assunto de família homoparental. Apesar de reconhecer que a família contemporânea não é mais constituída pela esposa, marido e filhos e sim pelo Nome-do-Pai, sendo este um significante que representa a instauração da lei, fazendo com que a criança passe a ser um sujeito desejante e não apenas um desejo do Outro.

Com relação a isso Lopes (2008/2009, p.24), afirma que a instauração do Nome-do-Pai, se faz estruturante para a criança, tendo em vista que a partir disso haverá um reconhecimento da lei e da castração, sendo assim o sujeito passa a lidar com falta não sendo mais objeto de desejo do Outro, passando a desejar também.

Ainda sobre o posicionamento de alguns psicanalistas em relação à família homoparental, há também outros autores que se posicionam contrários a constituição desta, não como a mesma concepção de Miller, mas sim pela questão da não possibilidade de diferenciação sexual.

No seu texto “O desejo de criança” o psicanalista Claude Dumézil, problematiza e colocar em xeque como fica o desejo da criança diante da adoção, apontando que quase nunca o desejo da criança está em questão, e coloca que o desejo raramente é abordado. “Com frequência os casais que procuram a adoção fazem isso após uma constatação de esterilidade e o tempo adicional de um luto da fecundidade de um ou do outro” (Dumézil, 2005, p.64).

Neste mesmo texto o autor exprime sua concepção no que tange ao reconhecimento e legalização da família homoparental, à luz da psicanálise. Este coloca como argumento principal o fato de não haver a possibilidade de diferenciação sexual para a criança.

O mesmo relata seu posicionamento e afirma que “Respeitamos com determinação essa liberdade da escolha de objeto sexual, aliás, mais aparente que real, que não nos parece nem um pouco constitutiva, em si mesma, de pensarmos que esta começaria com um projeto familiar, na falta, para o casal homossexual, de representar a diferença dos sexos para a criança, sejam quais forem as substituições imaginadas e sejam quais forem as qualidades morais, intelectuais, afetivas das pessoas em casal, já que não são eventuais defeitos mas o próprio amor delas que

contraria a organização edipiana triangular:criança/mulher/homem, estrutura essencial ao desenvolvimento de uma personalidade (Dumézil,2005,p.67).

Neste caso, ao tomar como ponto de partida a questão da diferenciação sexual, o autor passa a naturalizar a sexualidade, todavia, no que concerne a psicanálise sabemos de antemão que não é disso que se trata. Tendo em vista que ao tratar da sexualidade humana sabemos que não há como estabelecer um padrão de normalidade, devido a sua complexidade. Freud já apontava que, no que tange a sexualidade humana não existe nada de normal nem de natural, devido à sexualidade ser perversa polimorfa.

“É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais - a vergonha, o asco e a moral - ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção” (Freud, 1905, p.42).

Ferreira (2013, p.191) afirma que os seres falantes que se desviaram da norma estabelecida pelo código social, em relação ao objeto causa do desejo e ao amor, foram chamados pelo Santo Ofício da Inquisição de *monstrum horredum*. Há relatos de que foram perseguidos por movimentos religiosos e até condenados à pena de morte, foi na herança desse contexto que um homem chamado Sigmund Freud criou uma teoria sobre a sexualidade humana, que tira esta de qualquer padrão de normalidade e naturalização.

Ainda sobre o posicionamento dos psicanalistas contrários a família homoparental, é na França que ocorre os principais debates. Perelson expõe em seu artigo, o discurso sobre a homoparentalidade no cenário Francês, o pensamento de alguns psicanalistas sobre esse assunto. A autora citando (Dor, 1991, apud Perelson, 2003, p.715). Afirma que “(...) a dimensão do pai simbólico transcende a contingência do homem real, não é necessário que haja um homem para que haja um pai”

O argumento do autor também gira em torno da diferenciação sexual como impedimento, coloca que mesmo se tratando de um lugar, ou seja, sem a necessidade de um pai real, não é qualquer figura que pode ocupar essa função, que uma mãe não pode ser um pai e nem o contrário pode ocorrer. (De acordo com Perelson (2003, p.716) citando Dor (1991). “O papel materno é inexpugnável no sentido que é instituído e sustentado, pela questão da diferença dos sexos, aos olhos da criança”. Neste caso apesar de reconhecer que a representação do pai como interdito da relação do bebê com mãe não ser a de um homem, mas sim pela metáfora paterna, de um pai imaginário e não real, ou seja, da entrada de um terceiro nessa relação, Joel Dor (1991), mesmo assim coloca a necessidade da diferença dos sexos em relação a mãe, ou seja é preciso que a criança possa detectar essa diferença.

Com isso, vimos ao longo do texto, que o discurso contrário de alguns psicanalistas, tem como argumento principal a questão da diferença sexual, que no caso da família homoparental, esta não seria reconhecida, ou como em Miller, que se posiciona antagônico usando argumento da não fidelidade dos casais gays, principalmente os homens.

“Segundo Àran (2007, p.09) “Dois argumentos são freqüentemente utilizados, a defesa” da ordem antropológica de parentesco” e a defesa da “ordem psicanalítica da diferença sexual”. Em relação a esta última, o que se discute é o fato de na teoria do complexo de Édipo de Freud a homossexualidade só poderia ser pensada como uma perversão.

Contudo ao longo da obra de Freud sabemos que este não colocava a homossexualidade como anormal, e reconhecia que tinha casos de homossexualidade em todas as estruturas clínicas, perversão, neurose e psicose, Quinet (2013, p.91). De acordo com Paoliello, (2013, p.35) Freud quando escreveu o texto “*os três ensaios sobre a sexualidade*” colocaram esta numa concepção não determinista, o que deixa bem claro, que o sexo biológico por si só não determina a escolha de objeto, ser homo ou heterossexual, sendo assim, a homossexualidade está entre essas nuances, neste caso seria apenas mais uma das variações da sexualidade.

De acordo com Ceccarelli (2013, p.157) diferentemente de Freud, Lacan considerava a homossexualidade uma perversão, mas no sentido de uma estrutura perversa e não uma prática sexual perversa. Lacan considerava os gays como perverso sublime na civilização, justamente pelo fato de escolher como objeto sexual um sujeito do mesmo sexo, há neste caso uma subversão na norma. “Lacan também considerava que existe uma disposição perversa em toda forma de amor” (Ceccarelli, p.157).

O fato é que, mesmo vivendo em uma época posterior a Freud, retornando a muitas questões deste, a discussão sobre a família homoparental bem como a possibilidade desta estrutura ser capaz de sustentar um sujeito, de forma a não causar conflito pela não diferenciação sexual, não estava em debate. Portanto coube aos psicanalistas contemporâneos a partir das teorias psicanalíticas, problematizarem e discutirem sobre as novas configurações familiares, o que implica saber, como responder frente a estas novas demandas dos sujeitos do século XIX.

Quando Lacan escreveu o texto sobre os complexos familiares, já apontava que a partir da cultura e das relações sociais que se deve compreender a família humana, (Lacan, 2008. p15). Quando escreveu este texto Lacan procurou mostrar que se deve valorizar e entender a organização familiar considerando que esta vai responder levando em consideração a cultura no qual está imersa e o contexto de sua época.

Na teoria psicanalista, tanto em Freud quanto Lacan colocam o quanto é importante a família na construção do sujeito. No seu seio da família ocorrem os enlaces que situam cada sujeito no seu sintoma, bem como na estrutura da personalidade e posteriormente a escolha de objeto.

Quando Freud abandonou a teoria da sedução, na qual entendia que as histéricas tinham sofrido algum tipo de abuso, ou violência sexual, onde o que acontecia realmente era uma fantasia. Era nessas relações fantasiosas da criança para com seus genitores que se desencadeavam os sintomas neuróticos mais graves, como a histeria, e também a neurose obsessiva.

Lacan traz na problemática do Édipo, uma concepção diferente de Freud e avança um pouco mais em relação a este. O mesmo é dividido em três tempos, no primeiro momento do Édipo a criança esta presa numa relação fusional com a mãe, se identifica com essa imagem, estaria no lugar do falo materno, seria este para a mãe; no segundo momento haveria a entrada do terceiro, que vem justamente interditar essa relação dual entre a mãe e o bebê. Inicialmente Lacan chama de Nome-do-Pai, depois metáfora paterna, que é o significante que ditará a lei, seria o representante da lei para a criança. No terceiro tempo ocorre a dissolução do complexo.

Barreta (2012, p.160) informa que Lacan no seu retorno a Freud, tem como conceitos principais, *o real, simbólico e imaginário*. E a partir deles Lacan interpreta os conceitos freudianos dentre estes o complexo de Édipo. Nos termos lacanianos a criança se relaciona com pais e mães, *reais, simbólicos e imaginários*. O que irá marcar o avanço de Lacan em relação a Freud é pelo o fato do primeiro considerar que há não uma diferença no complexo entre o menino e a menina, e também a questão da passividade mulher e atividade homem.

“Nesta dialética edipiana, a criança é levada a abandonar, a posição do “ser” (o falo imaginário) à do “ter” o falo, essa passagem só se poderá efetuar, a partir do momento em que a criança, tiver estabelecido uma associação, entre a ausência da mãe presença do pai”(Vieira, 2011, p.66). É a partir disso que irá ocorrer à saída do Édipo, e colocar o sujeito no lugar de sujeito desejante. Isto posto para qualquer tipo de gênero do par parental.

Lacan diferentemente de Freud não considera a questão de a problemática ter ou não ter o pênis, em relação a se identificar com um dos seus genitores, essa questão daria margem para inferir que teria que haver uma diferenciação sexual. O que o mesmo considera é que existe um falo simbólico, tanto para o menino quanto para a menina, que seria uma representação simbólica da falta.

Portanto com relação à posição sexual, o sujeito pode estar do lado todo, ou seja, do lado do homem, ou lado não todo, da mulher, na posição feminina ou na posição masculino sendo a anatomia dispensável para a escolha e posições.

Seria essa identificação com aquele que tem o falo (pai), sendo isso uma suposição e não uma verdade, de realidade, ou então, uma identificação com quem não tem o falo, a (mãe). Sobre essa questão Vieira (2011, p.66) afirma que quando Lacan fez o seminário 20, *Mais, Ainda*, coloca os sujeitos divididos de duas maneiras: que são os que estão totalmente submetidos à função fálica, estes estariam na posição do lado homem, e os não - todo fálico, se posicionariam do lado da mulher.

Assim a anatomia no que tange a sexualidade, bem como na escolha de objeto não era determinante. Em Lacan isso vem se confirmar quando o mesmo escreve a teoria da sexuação, que vem problematizar como os sujeitos vão se tornar homem ou mulher. Neste caso é a partir da relação com Outro, que vai se da essa escolha bem como a posição do todo (homem) e não – todo (mulher).

Vieira (2011, p.68) informa que esse Outro, seria o Outro da cultura, do par parental, no contexto social em que o sujeito se encontra. Neste caso o autor irá apontar que há sempre uma construção de conceito de homem e mulher, pautada pela cultura, ou pela biologia (anatomia), ficando restringida a um ou a outro.

Lacan com a teoria da sexuação<sup>5</sup> vai além dessas duas concepções, pois vai procurar entender e ver, como os sujeitos se relacionam psiquicamente com seu próprio sexo, considerando a singularidade inconsciente de cada um.

Em referência a teoria da sexuação de Lacan, podemos inferir que o posicionamento dos psicanalistas contrários a família homoparental, ao usarem como argumento principal a diferenciação sexual para se posicionarem contra o reconhecimento desta, torna está concepção no mínimo equivocada. Tendo em vista que, a forma como ocorre à identificação sexual do sujeito bem como a escolha de objeto sexual a partir do declínio do Édipo, não se dá pelo sexo biológico, ou seja, torna-se homem ou mulher é uma definição imposta pela sociedade e pela cultura, mas é o modo como o sujeito faz suas escolhas que vai proporcionar o reconhecimento em um sexo ou em outro.

Na primeira clínica de Lacan, o modo de compreender o sujeito ainda tinha como norte as estruturas clínicas, psicose, neurose e perversão. Se em Freud quem realizava a

---

<sup>5</sup> Se acordo com Vieira (2011, p.69) Termo utilizado por Lacan, para além do biológico, que ira designar a forma como são reconhecidos e diferenciados, os dois sexos pelo inconsciente, que ira perpassar pela a estruturação da linguagem e da ordem simbólico.

interdição e instaurava o medo de castração na criança era o pai, na primeira clínica de Lacan, ou seja, clínica das estruturas, este autor colocava como nome-do-pai, ou metáfora paterna, que seria o representante da lei, rompendo assim esta relação fusional entre a mãe e o bebê, fazendo com que este identifique que não é o falo da mãe.

É necessário discorrer sobre isso para entender que na segunda clínica de Lacan, a um reconhecimento do declínio do nome do pai, muitos teóricos chamam de Nomes-do-Pai ou uma plurização do Nome-do-Pai. Esse termo demonstra que há na atualidade uma diminuição dessa referência com autoridade máxima. A concepção de Lustoza e Calazans (2010, p.564) o Nome-do-Pai parece sofrer um esvaziamento de status, de figura central, entretanto torna-se um dos tipos de amarração entre muitos outros possíveis.

Essas mudanças estão ocorrendo, por muitos fatores, mas principalmente pela ascensão da mulher na sociedade contemporânea, ou seja, o pai não é mais o único representante da lei, neste caso, percebe-se que a uma horizontalidade nas formas de subjetivação do sujeito atual.

Sobre isso Roudinesco (2003, p.104). Aponta que em meados de 1970, ocorreu a supressão do termo “chefe de família”, no qual a concepção de poder paterno é definitivamente eliminada da lei.

É diante de toda essa problemática, da família contemporânea, com todas as suas nuances e complexidades, que a psicanálise vai tentar responder, frente a essas novas demandas e modos de subjetividade. Toda a criação da psicanálise gira em torno dos romances familiares, e Freud considerava a teoria do complexo de Édipo como a pedra angular na formação do inconsciente, que a partir deste, o sujeito irá fazer escolhas, de acordo com a cultura com a qual está imerso.

O pai era vista como aquele que priva e ao mesmo tempo, que desperta identificação e desejo, também era o ordenador da lei, em Lacan não era necessariamente o pai, como figura real, mais o pai simbólico, representado imaginariamente como metáfora paterna, e que também viria inscrever a lei. Na contemporaneidade vimos que a um declínio desse pai, tanto do pai real, como da metáfora paterna também. Sobre isso, Maracajá (2007, p.204). Afirma que na segunda clínica de Lacan, este vai considerar que existe algo além do pai, e além do complexo de Édipo.

A questão é que o sujeito contemporâneo, não tem mais o pai como interdito em sua onipotência, que referenda a castração. E essa figura de virilidade que em outrora era representado pela figura masculina agora não é mais. Discutir sobre a psicanálise a partir da

segunda clínica de Lacan é uma forma de entender melhor como funciona o sujeito contemporâneo conseqüentemente sua singularidade e subjetivação.

É preciso compreender que a psicanálise não é uma teoria engessada no tempo nem detentora do saber sobre o que é certo ou errado, normal ou patológico, o que o analista tem que saber é justamente não saber, pois quem sabe do que sofre é o próprio analisando. Ceccarelli, (2007, p.93) considera que é preciso fazer uma revisitação da teoria, assim como o próprio Freud fez, pois as formas sintomáticas de responder do sujeito acompanham as transformações sociais, sendo assim é preciso procurar entender como os pressupostos psicanalíticos, respondem as novas configurações familiares na contemporaneidade.

Se a organização da família homoparental é questionada por muitos, inclusive por alguns psicanalistas, por ser vista como uma estrutura que não tem a diferenciação sexual. Que poderia provocar uma perturbação na criança, fazendo com que está se torne psicótica ou até mesmo que seja também homossexual, ou que seja molestada, pelo par parental.

Para quem teme que esse tipo de situação ocorra, não considera que a maioria das crianças sintomáticas são filhas de pais heterossexuais. “A prática clínica, sobretudo a clínica infantil é rica em exemplos onde o problema apresentado pela criança é um sintoma dos pais” Ceccarelli (2007, p.96).

Neste caso, o que podemos constatar é que nenhum modelo de família, seja esta homoparental, nuclear, monoparental, recomposta/multiparental, entre outras, ou seja, nenhuma é garantia para as amarrações que o sujeito tem com seus sintomas. Em se tratando da psicanálise, sobretudo sabemos que tudo ocorre de forma inconsciente.

Para Ceccarelli (2007, p.98) O Édipo discutido por Freud, era um reflexo do modelo de arranjo familiar de sua época, que era justamente numa sociedade judaico-cristã, de família nuclear burguesa altamente repressiva, que tinha o pai como representante do falo imaginário.

Para Fanjwanks (2013.p.2) o que cabe interrogar é como, esse desejo de institucionalizar os modos de vida, que até então, não tinham necessidade alguma de nenhuma legislação para existir. Neste caso, o que a psicanálise deve se debruçar é em como enxergar a nova forma de subjetivação desses sujeitos que estão inseridos nesta nova organização familiar, e as problemáticas começam surgir a partir do momento em que se desencadeia uma necessidade de reconhecimento que até então não se tinha.

Como já foi discorrido, o modelo familiar não é prioridade para a psicanálise, esta se interessa pela singularidade dos sujeitos, sendo assim o sujeito contemporâneo bem como sua forma de subjetivação é de interesse da psicanálise. Ao problematizarmos a filiação homoparental, pelo menos a luz da psicanálise, não se trata realmente de questionar sobre a

possível confusão na criança causada pela não diferenciação dos sexos, pois como já foi discutido ser pai e mãe são funções simbólicas que são ocupadas, não diz respeito ao sexo biológico homem/pai, mulher/mãe.

O que importa neste caso é procurar discutir, qual é o desejo do casal homoparental para filiação, que lugar essa criança vai ter, assim como nas demais formas de família, o que vai ser questionado é o desejo de ter esse filho. Se este não seria almejado apenas como uma tentativa de se igualar a família nuclear, ou se realmente seria desejado como uma forma de preencher essa falta, e tornar a família, mas completa.

Maia & Oliveira, apontam que não há indícios de que crianças, que receberam cuidados de casais homossexuais tenham sofrido qualquer problema psíquico, as autoras colocam como hipótese que talvez isso ocorra por que, as funções parentais não diz respeito a diferença dos sexos. De qualquer forma essa diferenciação sexual precisa ser transmitida pelo par parental.

### 3.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos o tema das novas configurações familiares, tendo como enfoque principal, a família homoparental. O objetivo principal era discutir qual a perspectiva da teoria psicanalítica em Freud e Lacan, no que diz respeito a esse novo arranjo familiar, tendo em vista que a psicanálise, invenção de Freud do final do século XIX para início do século XX, emergiu a partir de um contexto, em que a principal configuração familiar era a nuclear burguesa, também caracterizada de modelo patriarcal. Foi nessa ordem familiar que Freud se deparou com as pacientes histéricas, sendo esta doença psíquica advinda no contexto das relações familiares, sobretudo na triangulação entre o pai a mãe e os filhos.

Sendo assim, o interesse pela realização do trabalho, deu-se principalmente pela curiosidade de apreender como a psicanálise pode responder sobre as novas configurações familiares e em especial a família homoparental. Como uma teoria criada a mais de cem anos poderia se posicionar sobre esse tipo de família. Para conduzirmos a discussão, inicialmente foi explanado sobre a história da família, a partir da idade média até chegarmos à contemporaneidade com as novas configurações familiares. O que pudemos inferir é que em cada época a instituição família foi passando por mutações e com diferentes formas de organização e valorização.

Isso faz com que possamos entender que os novos arranjos familiares foram se moldando no processo histórico paulatinamente, de acordo com o contexto social e conjuntural. Algumas coisas foram mudando em cada conjuntura, vimos que na idade média o sentimento de família surgiu, quando se deu início a valorização da infância e da criança, que até então não havia sentimento de família, existia apenas laços de linhagem. A família moderna teve como marca, o poder do homem sobre a mulher, como chefe e único provedor da mesma. A família contemporânea tem como característica a ascensão da mulher no contexto social, sendo este um fato de suma importância para emergir as novas configurações familiares à medida que a mulher sai da posição de senhora do lar e adentra no mercado de trabalho.

No que tange a família homoparental, sobretudo a filiação homoparental, os fatos construíram-se também como um processo histórico, para se chegar até os debates que se tem hoje, sobre reconhecimento e aceitação desta. Para se ter um reconhecimento pelo Estado como família, primeiro, a homossexualidade teve que sair dos manuais de psiquiatria e deixar de ser considerada uma doença, e forma de subversão. A partir do momento que isso ocorreu, os homossexuais começaram a lutar pela legalização do casamento civil para serem reconhecidos como casal pelo Estado. O primeiro país que aprovou o casamento civil de

pessoas do mesmo sexo foi à Holanda, e em seguida outros países da Europa. Na América latina, a Argentina foi o primeiro país do continente a legalizar também o casamento gay, como vimos, no Brasil houve o reconhecimento da união estável no ano de 2011.

O fato é que, a partir desse reconhecimento e legalização do casamento, os homossexuais começaram a reivindicar o direito de paternidade, ou seja, manifestaram o desejo de poderem criar filhos, principalmente através da adoção. A partir disso, deu-se início aos debates e posicionamentos contrários da família homoparental, por diversos segmentos da sociedade.

De acordo com o que foi exposto neste trabalho, pudemos perceber que os psicanalistas que se posicionam contrários a família homoparental tiveram como argumento principal a questão da diferenciação sexual, sendo este argumento passível de questionamento, tendo em vista que para psicanálise não se trata de diferenciar o sexo biológico, mas que no que diz respeito ao par parental, são funções que os sujeitos ocupam.

Além da questão da diferenciação sexual há também outros posicionamentos contrários. De acordo com Maya (2013, p.69) Miller vai afirmar que os casais gays, sobretudo os casais homens não formam par e não podem ser reconhecidos como família. Principalmente pelo fato de trocarem constantemente de parceiro e pela infidelidade destes, neste caso ao reivindicarem o reconhecimento da família estariam apagando a sua singularidade de serem “perversos”.

Entretanto, percebemos ao longo do trabalho, que mesmo não havendo uma unanimidade entre os psicanalistas a favor da família homoparental, a maioria não se posiciona contrário a mesma. Como vimos à psicanálise responde pela demanda de sua época, e na atualidade existem inúmeras formas de subjetivação dos sujeitos, e uma destas está nos novos arranjos familiares. Sendo assim para psicanálise não é a estrutura familiar que está em questão, mas a singularidade do sujeito e sobre como ele responde ao desejo que o convocou para a existência.

Vimos que a psicanálise é uma teoria que buscou superar o modelo biologizante que naturalizava a sexualidade humana, restringindo essa apenas ao sexo anatômico. No que concerne a sexualidade, não é o sexo anatômico que vai definir o sujeito como homem ou mulher. Se em Freud este fazia uma distinção entre a menina e o menino na teoria do complexo de Édipo, colocando a questão do sexo oposto. Em Lacan tivemos outra perspectiva, sobretudo a partir da teoria da sexuação, que seria a forma com o sujeito vai se reconhecer e se diferenciar na partilha dos sexos, para além do biológico, acontece de forma

inconsciente, é resultante do encontro do sujeito com a estrutura da linguagem e da ordem simbólico.

Se na primeira clínica de Lacan, que ainda estava voltada para o modelo das estruturas, já era possível encontrar muitas saídas para o sujeito no que diz respeito à escolha de objeto e posição sexual, tendo em vista que Lacan vai designar de metáfora paterna, ou Nome-do-Pai, ou seja, um significante que vai barrar a relação simbiótica da mãe com o bebê, por se tratar de um significante logicamente não precisa ser representado por um homem.

Na segunda clínica de Lacan, há um declínio do Nome-do-Pai, há uma perda de referência do pai como autoridade máxima, ocorre a pluralização do Nome-do-Pai. Sendo este fato uma marca na subjetivação do sujeito contemporâneo, ou seja, na segunda clínica de Lacan, existe algo para além do Édipo, não é que a teoria do complexo de Édipo vai ser desconsiderada, mas deixa de ser o único referencial na estruturação do sujeito.

Portanto, a partir do que foi discutido no trabalho sobre a família homoparental, a luz da psicanálise, inferimos que a mesma busca responder pela demanda de sua época. Jamais se coloca detentora do saber, sobre o que é certo ou errado, mas sim procurar enxergar como essa nova organização familiar interfere na subjetividade dos sujeitos. A inserção do bebê na cultura não se dá pelo modelo familiar, mas sim pelo desejo do par parental de ter uma criança e da resposta possível da criança a esse desejo. O fato é que desde a idade média, a partir do século VXIII mais especificamente, que a criança começou a ter o lugar central na instituição familiar e ainda hoje é colocada como causa, passando a ser desejada até para que a família possa ser reconhecida como família.

## **Abstract**

The aim of this work is to discuss what are the main challenges and perspectives of psychoanalytic theory on Freud and Lacan, with regard to the new family configurations inspecial homoparental family. It was a bibliographic study using as theoretical support the psychoanalytic theory on Freud and Lacan and also sociological texts addressing the issue of family history , namely: Aries, Birman, Roudinesco among others. Regarding discussions on homparental family as well as its recognition and legalization, the main questions are related to the impossibility of the differencing the pair, especially from the point of view of biological differences between the sexes . Throughout the text we realize that some psychoanalysts some psychoanalysts make use of this argument to position themselves against parenting homosexual. With regard to this discussion about differences between the sexes in the course of the work, we can infer that psychoanalytic theory to the question of sexual differentiation is not adeterrent factor, considering that according to the psychoanalysis, the parental functions do not concern the difference between the sexes, to be father/ man and mather/woman, what really matter is the place, and the function that subject occupies. It was found that the most of psychoanalysis is not against homoparental family, but seek to understand how the subjects will respond to this new demand and shape of subjectivity in contemporary times.

Key words : homoparental family, psychoanalysis; Sexual differentiation;

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ÀRAN, Márcia. Políticas do desejo na atualidade: a psicanálise e a homoparentalidade. 2007.
- ARIÉS, Phillipe. A história social da criança e da família. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro. copyright-by.1975.
- BARROS, José D' Assunção. *Os trovadores medievais e o amor Cortez* : reflexões historiográficas.vol.1n.1, abril/maio, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*: a experiência vivida. Tradução de Sergio Milliet. 2. ed.São Paulo:difusão européia do livro,1967.
- BERTANI, Bianca Corbelline; SHAUREM, Manaíra Luiza. Registro civil de filhos oriundos de família multiparental.revista destaque acadêmico.vol.5,n.2,cchj/univates,2013.
- BIRMAN, Joel. Laços e Desenlaces da contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo. p.47-62, jun.2007.
- CALAZANS, Roberto; LUSTOZA, Rosane Zetola. *Alcance e valor do nome-do-pai: atualmente*: algumas considerações. *Psicologia em estudo*. Maringá, vol.15, n.3, p.557-565, jul/set.2010.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. *A invenção da homossexualidade*. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho; Quinet, Antonio (Org.). *As homossexualidades na psicanálise*: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento farma, 2013. cap.12, p.153-170.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. *Novas configurações familiares*: mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo. 40(72): 89-102, 2007.  
Distrito Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade de 4.277.
- DUMÉZIL, Claude. *Do desejo de criança*. In: *A clinica lacaniana*: as homossexualidades. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. cap.5,p.63-68.
- FALASSER. Revista da delegação paraibana - n.2, 2007. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.286p.
- FANJNWAKS, Fabian. *Famílias Sintomáticas*. opção lacaniana online.ano.4,n.10,marco,2013.
- FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol.XIV. Traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Um caso de Histeria, Três ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol.VII. traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: imago, 1996.

HITA, Maria Gabriela. *A família em Parsons: pontos contrapontos e modelos alternativos*. *Anthropologicas*, ano 9.vol.16, 2005.

LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. Tradução Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes de Silveira Junior. 2.ed.Rio de Janeiro: zahar, 2008.

LOPES, Ana C. D. *Fobia, perversão e metáfora paterna*. *A sephallus*. Rio de Janeiro. Vol.IX, n.7, novembro de 2008 a abril de 2009.

MAIA, Myrna. A.M; OLIVEIRA. Anna Luzia de. *Produções discursivas de psicanalistas sobre a subjetivação da diferença sexual na família homoparental*.

MARQUES, Luciana. *Sexualidade e ética psicanalítica*. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho; Quinet, Antonio (Org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento farma, 2013. cap.4, p.59-64.

MAYA, Acyr. *A homofobia no discurso psicanalítico sobre o casal e a parentalidade homossexual*. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho; Quinet, Antonio (Org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento farma, 2013. cap.5, p.65-76.

MELLO, Luiz. *Outras famílias: A construção sexual da conjugalidade homossexual no Brasil*. *Cadernos pagu* (24). Goiânia. Janeiro/junho. p197-225.2005.

PAOLIELO, Gilda. *A despatologização da homossexualidade*. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho; Quinet, Antonio (Org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento farma, 2013. cap.2,p.29-46.

PASSOS, Maria Consuelo. *Homoparentalidade: uma entre outras formas de família*. *Psic.Clini*. Rio de Janeiro, V.17, n.2, p.31-40, 2005.

PERELSON, Simone. *A parentalidade homossexual: uma exposição do debate psicanalítico no cenário Frances atual*. *estudos feministas*.Florianópolis,14(72):272, setembro-dezembro/2006.

QUINET, Antonio. *A escolha do sexo com Freud e Lacan*. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho; Quinet, Antonio (Org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento farma, 2013. cap.10, p.131-140.

QUINET, Antonio. *Homossexualidades em Freud*. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho; Quinet, Antonio (Org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento farma, 2013. cap.7, p.89-106.

Rio de Janeiro. Argüição de Descumprimento de Preceito Fundamental 132.05/05/2011.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A família em Desordem*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: zahar, 2003.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A psicanálise à prova da homossexualidade*. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho; Quinet, Antonio (Org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento farma, 2013. cap.8, p.107-118

VIEIRA, Ricardo. *Homoparentalidade*: estudo psicanalítico sobre papéis e funções parentais em casais homossexuais com filhos. 2011.f.206. Dissertação de mestrado em psicologia clínica – Universidade de São Paulo, São Paulo.